

Rubem Braga

LIBERDADE PARA O PINTOR GUIGNARD

GUIGNARD é um encaixotado — diz o jornalista Frederico de Moraes, de Minas, em reportagens que não li, mas de que vi um resumo na revista “Leitura.”

Diz que seus protetores não lhe dão a menor liberdade e formam valiosas coleções de seus quadros ou embolsam o dinheiro de sua venda. Acusa um pintor abstrato e um livreiro de haverem se aproveitado da fraqueza do artista para juntar óleos e desenhos em grande quantidade, e acusa principalmente o médico Santiago Americano Freire de explorar e oprimir Guignard.

Não conheço os detalhes da história, e não posso opinar; é sempre delicado julgar a natureza de relações entre um artista do tipo Guignard — um menino grande que a bebida leva facilmente à inconsciência — e as pessoas que o cercam. Pelo que vi, o Dr. Santiago e sua esposa tomam conta de Guignard com o maior rigor e zelo; não o deixam mesmo sair sozinho nem se entender a sós com pessoa alguma; fiscalizam e dosam sua bebida e, quando não estão presentes, deixam alguma pessoa de confiança tomando conta dele.

Esse domínio absoluto do médico sobre o doente é necessário? Esconde algum interesse subalterno? Que se faz com o dinheiro dos quadros — por exemplo, com as muitas centenas de milhares de cruzeiros que a Petite Galerie vendeu? A proteção a Guignard é excessiva e é proteção mesmo ou “proteção”, com aspas, como quer o jornalista mineiro?

Minha impressão é que é mesmo necessário que alguém tome conta de Guignard; sem a vigilância constante de um médico é provável que o grande pintor já não existisse mais. Não posso saber quanto o Dr. Santiago se cobra para dar essa proteção, nem que destino terão os quadros e o dinheiro de Guignard quando ele morrer, uma vez que não tem herdeiros forçados.

Também é certo que a pintura de Guignard decaiu muito. Pode ser que essa decadência seja, em parte, natural; é provável que sim. Mas — e este me parece um ponto da maior gravidade — para ela tem contribuído muito o Dr. Santiago Americano Freire.

Porque (isto é grave) o Dr. Santiago Americano Freire não é apenas um médico e um apreciador de pintura; é, ele mesmo, pintor, e pintor certamente medíocre. Com a incontrastável ascendência que ele tem sobre Guignard, o Dr. Santiago mete-se a dar palpites na sua pintura. Disseram-me que chega a “aprovar” ou “reprovar” esta ou aquela côr usada pelo artista; que lhe sugere alguns temas e lhe proíbe outros. Não sei. Mas posso dar testemunho da interferência — provavelmente de muito boa-fé e de excelentes intenções, mas franca-

mente odiosa — do médico borra-tintas na arte de seu doente pintor.

As histórias me foram contadas pelo próprio Dr. Santiago ou em sua presença, e Guignard estava na sala, não sei se ouvindo ou não a conversa; em todo caso não se fazia a menor cerimônia com ele.

O artista resolveu pintar um casamento em Ouro Preto — os noivos e os convidados em fila saindo de uma igreja barrôca. Guignard fez tudo direitinho, com aquêle seu senso popular e lírico; mas um detalhe chocou o Dr. Santiago: a noiva tinha um bebê ao colo. O Dr. Santiago disse que isso “não podia ser”, e obrigou o artista a tirar a criança, embora Guignard chegasse a alegar, para explicar a coisa, que a noiva era viúva...

Outro caso é o retrato de Dirceu e Marília: Guignard pôs na cabeça do poeta inconfidente um chapéu de plumas. O médico (neste momento menos médico do que monstro) vetou o chapéu, pois não corresponderia à verdade histórica. Guignard insistiu; era assim, evidentemente, que ele sentia o Dirceu. Mas teve de ceder, e parece que desistiu de fazer o quadro.

— “Ele está querendo comprar aqui no Rio um chapéu de fuzileiro para com ele pintar o retrato de um sujeito lá de Ouro Preto” — disse-me o médico, para dar um exemplo da insânia do artista.

“E por que o senhor não compra?” — perguntei eu.

Dr. Santiago: nego-me a endossar as acusações que lhe são feitas de que o Sr. tira vantagens excessivas da assistência que presta a Alberto Guignard; admito que o Sr. faz obra de humanidade e presta um grande serviço à arte brasileira velando pela vida e saúde de um de seus expoentes mais autênticos. Mas, por favor, **RESPEITE O ARTISTA**. Guarde para si mesmo e para os seus quadros os seus conhecimentos de pintura, seu sentido de lógica e de conveniências e suas noções de indumentária histórica; deixe Guignard pintar livremente o que lhe der na telha, sem sequer a sombra de uma sugestão que possa influir em seu espírito, quanto mais essas odiosas proibições.

Que ele ponha criança no colo da noiva, plumas no chapéu de Dirceu, pintassilgos nos cabelos de Marília, rádio de pilha na mão do Tiradentes que ele faça livremente tudo o que imaginar, porque ele é um artista, e como artista tem a sua verdade; e é porque sempre foi fiel a essa verdade íntima de seu lirismo que ele chegou a ser um grande artista, um dos mais nobres e puros artistas do Brasil de todos os tempos. Cuide do homem, se quiser, se isso lhe dá prazer ou vantagem, alegria cristã ou dinheiro no banco — mas **RESPEITE O PINTOR**.